

## ESTRUTURAS DISCURSIVAS: O ENCAPSULAMENTO ANAFÓRICO EM REDAÇÕES DE PRÉ-VESTIBULANDOS

PAES, Dayhane Alves Escobar Ribeiro

Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
[dayhanepvs@gmail.com](mailto:dayhanepvs@gmail.com)

**RESUMO:** O presente trabalho adota como corpus as redações de alunos do curso pré-vestibular do SINTUPERJ. A abordagem proposta se baseia na análise da referenciação, especificamente, o encapsulamento anafórico, que veicula as informações textuais através da retomada e continuidade. Essa manutenção dos dados do texto possibilita a coesão textual – critério de avaliação no vestibular - e enriquece de forma coerente a argumentação que o aluno faz para defender sua tese. Logo, em conformidade com as hipóteses levantadas, pode-se afirmar que o que viabiliza o objetivo dessa pesquisa é o fato de saber que existem estudos semelhantes que contribuíram para fundamentar a perspectiva discursiva do texto sobre o conceito de encapsulamento em redações. Portanto, pode-se afirmar que a principal contribuição que esse trabalho oferece para o ensino de língua materna concerne na abordagem do texto a partir de uma perspectiva dos processamentos cognitivos, revelando como os elementos vão sendo construídos nas redações.

**Palavras-chave:** Ensino; Redação; Coesão Textual; Referenciação; Encapsulamento Anafórico.

É notório que o texto pode ser encarado como um conjunto de “partes” que estabelecem relações de interdependência semântica. A rigor, falar de “partes” já constituiria um equívoco, uma vez que os segmentos textuais têm uma existência autônoma de sentido bastante reduzido. Neste caso, o estudo que aqui se apresenta visa a encarar a coesão referencial como responsável pela conexão semântica dessas “partes” do texto, pelo andamento textual, pela manutenção temática e pela progressão referencial. Sendo assim, na trajetória que iremos seguir, veremos como a articulação textual extrapola o limite das sentenças e dos parágrafos, e vislumbra-se por este recurso a necessidade de concatenar argumentos distintos num mesmo texto, tornando-o uma unidade linguística e semântica.

Sob este prisma, apresentaremos como *corpus* para essa análise 50 redações de estudantes que concluíram a Educação Básica, constituída pelo Ensino Fundamental e pelo Ensino Médio. Nessa nova etapa de suas vidas, preparam-se para ingressar no Ensino Superior por meio do curso preparatório Pré-Vestibular Alternativo, mantido pelo Sindicato dos Trabalhadores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Sintuperj. Por fazer parte do corpo docente desse curso, foi possível ter acesso a uma gama de redações com os mais variados temas. Como professora de Língua Portuguesa em cursos de pré-vestibular comunitário e considerando a realidade sócio-econômico dos alunos, que frequentam este tipo de curso, surgiu a vontade de análise dos textos produzidos nas aulas de Língua Portuguesa. Por isso, estas produções foram eleitas como *corpus* desse trabalho acadêmico, com vistas a unir escola e sociedade sobre a produção textual. Nesse sentido, espera-se um retorno social dessa pesquisa para os estudos sobre nossa língua materna e seu processo ensinar-aprender.

Partindo da proposta de analisar redações de pré-vestibulandos buscou-se no aporte teórico específicas possibilidades que possam fazer relação entre a demanda da sala de aula e a necessidade de propiciar estratégias que auxiliem os alunos a produzirem melhor seus textos. Por esse motivo, a escolha do tema concentrou-se no ensino da coesão textual. Além disso, propõe-se fazer uma relação do tipo de texto – texto argumentativo – com as estratégias utilizadas pelo produtor do texto para fazer referências nas redações, o que garante uma perspectiva da coesão das ideias no texto.

Sendo assim, a análise do *corpus* que compõe este trabalho cuidará da referenciação por meio dos encapsulamentos anafóricos, como uma ferramenta que contribui para a progressão referencial no texto, veiculando as informações textuais através da retomada e continuidade do referente. Essa manutenção dos dados no texto possibilita a coesão textual e enriquece a argumentação que o aluno faz para defender a tese em seu texto. A experiência com as redações em sala de aula motivou a abordagem desse tema por possibilitar o alcance dos objetivos em questão: contribuir para o ensino da língua materna, efetivando os pressupostos teóricos da pesquisa à observação do fenômeno encapsulador presente nos textos produzidos pelos alunos.

Neste sentido, este trabalho observa o modo como alunos pré-vestibulandos empregam os recursos coesivos em redações do tipo dissertativo-argumentativo. Ao focalizar a coesão referencial, pretende-se, portanto, salientar a importância desse estudo para a produção de textos em sala de aula, uma vez que, o espaço da disciplina de redação nas escolas e nos cursos de pré-vestibular é destinado, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, “para garantir o uso ético e estético da linguagem verbal.” (MEC/PCN, 2000).

O que se nota, frequentemente, é que a prática pedagógica não tem alcançado os resultados mais satisfatórios no que tange à competência comunicativa para a produção de textos, mesmo com a existência dos subsídios oferecidos pelos PCNs para que o ensino de língua portuguesa permita um uso mais eficaz da leitura e da escrita. Isso faz com que o cidadão não se aproprie, de fato, de sua língua, prejudicando o domínio dessas habilidades. Desta forma, a escolha para esta pesquisa acerca do tema Coesão Referencial, especificamente, o encapsulamento anafórico, se deve ao fato de ser um recurso largamente utilizado nas redações escolares e que, muitas vezes, é estereotipado e tratado como “erro gramatical” ou “repetição viciosa” pelas escolas. Essa escolha explica-se por envolver dois processos de referenciação: a anáfora e o encapsulamento. Esses processos são marcantes em texto dissertativo-argumentativo por reunirem características importantes. A anáfora garante a manutenção temática e o encapsulamento revela o posicionamento do autor no texto por meio de suas escolhas semânticas. Nota-se que esses mecanismos de referenciação são fundamentais para comprovarmos como o encapsulamento anafórico contribui para a progressão referencial por meio dos recursos linguísticos que o aluno utiliza.

Todavia, quando tratada na perspectiva textual e pragmática, a análise dos recursos coesivos utilizados pelos alunos pode demonstrar o quanto reproduzem modelos já institucionalizados, ao mesmo tempo em que “lutam” em prol de uma palavra própria. Logo, a reflexão que se propõe vê a língua como uma forma de sociointeração e, a partir dessa visão, entende-se o texto como uma manifestação verbal que se constitui da seleção e da ordenação desses elementos linguísticos utilizados pelos falantes nesse processo de interação, de acordo com seus objetivos e práticas socioculturais. (cf. KOCH, 1997).

Reconhecendo a polêmica do tema tratado e a diversidade que envolve os dados analisados, podem-se destacar dois objetivos principais neste estudo. O primeiro deles é investigar os textos produzidos pelos estudantes do ponto de vista de sua processualidade, enfocando como a referenciação é explorada no fluxo da construção textual. O outro é refletir de que modo os encapsulamentos anafóricos podem contribuir com a argumentação dos

autores nos textos dissertativos, como, por exemplo, no uso de ‘rótulos’ que expressam o ponto de vista do aluno acerca de um determinado assunto. Esses dois objetivos inserem-se na proposta maior de possibilitar que a produção de conhecimento sobre a referenciação possa contribuir para o desenvolvimento de estratégias mais amplas para o ensino da produção de texto em língua materna.

Em busca de aprofundamento, este trabalho visa à análise do uso das cadeias de referenciação, que podem assumir a função de conectar, sumarizar e organizar as partes do texto (FRANCIS, 2003), ligando o que foi dito ao que será dito, contribuindo, assim, para a progressão textual. Além disso, por meio de cadeias específicas, o encapsulamento anafórico pode contribuir, também, para a avaliação dos segmentos textuais em que está inserido. Assim, esse estudo insere-se em uma perspectiva teórica em que o ato de referir é entendido como uma atividade do discurso, ou seja, segundo Koch (2003:79) “resultado da operação que realizamos quando, para designar, representar ou sugerir algo, usamos um termo ou criamos uma situação discursiva referencial com essa finalidade”.

Pretende-se, então, a partir da estrutura e da semântica dos encapsuladores anafóricos, identificar as funções que estes desempenham dentro do *corpus* em análise. Para isso, a intenção que se tem é analisar os textos produzidos por alunos, a partir de uma perspectiva ainda pouco explorada, o que pode proporcionar uma ferramenta a mais para auxiliar no processo educacional. Portanto, abordar-se-á o objeto à luz dos pressupostos teóricos, pois se analisam os aspectos semânticos, tais como, o direcionamento, o papel avaliativo, o papel discursivo-organizacional e a relação do emprego dos rótulos com a tipologia textual em estudo.

Assim, para garantir a mesma eficácia dos estudos supracitados, o trabalho foi organizado a partir de três pilares: a Fundamentação Teórica, a Metodologia e a Análise. Esses três pontos serão tratados detalhadamente em capítulos específicos da seguinte maneira: são apresentadas as teorias que fundamentam este trabalho, partindo-se, primeiramente, de um importante tema da Semântica – a Referência, focalizado-se os mecanismos de referenciação textual – anáfora e encapsulamento, conforme Conte, Apotheloz e Francis (2003) – observando a evolução no âmbito da processualidade do ato de referir. Assim, como cerne deste trabalho, com suas fundamentações teóricas e exemplos retirados do *corpus* reunido, descrevemos como o encapsulamento anafórico contribui para a progressão referencial, com ênfase para os pressupostos teóricos.

Cabe ressaltar ainda que, diante de inúmeras referências teóricas e terminológicas, acerca de noções, como referenciação, rótulo, encapsulamento anafórico, gêneros discursivos e tipos de textos, é proposta para este trabalho uma teorização da organização do texto pertinente ao nosso objetivo.

Segundo Koch (2000), essas referenciações funcionam como uma espinha dorsal do texto, que permite ao leitor/ouvinte construir, com base na maneira pela qual se encadeiam e remetem umas às outras, um “roteiro” que irá orientá-lo para determinados sentidos implicados no texto e, conseqüentemente, para leituras possíveis que, a partir dele, se projetam. De maneira geral, os objetos de discurso não se confundem com a realidade extralingüística, mas (re)constroem-na no próprio processo de interação. Assim, encara-se, a seguir, o referente e seu encapsulador nesta progressão referencial do texto.

Entende-se que a noção de anáfora consiste em formas de retomada que são expressões referenciais no sentido mais geral do termo, as expressões anafóricas têm propriedades diferentes, e não sofrem as mesmas restrições, conforme sejam ou não controladas sintaticamente por seu antecedente, isto é, a interpretação do anafórico tem a inferência de uma interpretação sintática, ela depende de fatores contextuais e pragmáticos.

É comum observar nos textos as expressões referenciais efetuarem a marcação de parágrafos, contribuindo para a estruturação do texto. A referência a enunciados completos é uma forma de anáfora constante tanto na língua escrita quanto na falada. Isso revela como é bastante frequente a introdução, por meio da anáfora nominal (definida ou indefinida), de novas informações a respeito do referente, com o intuito de caracterizá-lo de determinada maneira.

A anáfora contribui, fortemente, para que, entre a linguagem e o mundo, seja possível situar uma interface que não é neutra, mas que guarda as marcas cognitivas de nosso envolvimento com determinados grupos sociais que interpretam e conhecem. Isso mostra que é sempre preciso recorrer ao nosso conhecimento de mundo para construir o sentido de um texto, tendo em vista que por trás de toda anáfora se esconde uma operação semântica de correferência textual.

Assim, a interpretação de uma expressão referencial anafórica, consiste não simplesmente em localizar um segmento linguístico no texto (um “antecedente”) ou um objeto específico no mundo, mas, sim, algum tipo de informação anteriormente alocada na memória discursiva. Dessa forma, a expressão anafórica sofre condicionamentos igualmente fortes por parte do assim chamado “antecedente” e por parte da sentença em que está inserida. Por isso, para Conte (2003:177), “toda anáfora expressa correferência”. Ou seja, na superfície textual, é possível encontrar um referente para a expressão anafórica utilizada pelo produtor do texto.

Além disso, cabe ressaltar como as expressões nominais anafóricas assumem uma função, como um título genérico, pois certas expressões linguísticas têm particularidades de interpretação. Nas redações escolares, é possível notar a dependência de fatores contextuais e pragmáticos, pois a remissiva anafórica usada pelo aluno, geralmente, tem a inferência de uma interpretação sintática, controlada por seu antecedente. Por isso, é importante destacar que existem os tipos de anáforas, que são utilizados de acordo com o contexto.

Por exemplo, quando se verifica que a forma remissiva é o mesmo sintagma nominal do referente, entende-se que há a ocorrência de um tipo específico anafórico: a anáfora fiel. Isso se pode notar no fragmento a seguir retirado da redação número um, que constitui o *corpus* deste trabalho.

**Exemplo 01<sup>1</sup>:**

*“são consequência de fenômeno chamado Aquecimento Global. O fato é que este fenômeno não é natural e sim provocado pelo homem.” (Red. nº01).*

Neste exemplo, verifica-se a ocorrência da anáfora fiel cuja correferência está no nome nuclear do sintagma que é o mesmo introduzido por um demonstrativo, isto é, o sintagma utilizado para se referir é o mesmo referente. Evita-se repetir o sintagma ‘Aquecimento Global’, mas se retoma a ideia de fenômeno, que é introduzido no processo de referenciação por um pronome demonstrativo ‘este’. A informação dada, por sua vez, é introduzida, em geral, por um artigo definido. No exemplo, vemos a ocorrência da anáfora com um demonstrativo. Parece-nos natural já que o pronome demonstrativo apresenta muitas semelhanças funcionais ao artigo. Trata-se aqui do que Apotheloz *et alii* (*apud* CAVALCANTE, 2003: 131) chamam de anáfora especificadora, a qual ocorre quando se faz necessário um maior refinamento da categorização.

Esse tipo de expressão anafórica é, frequentemente, introduzido pelo *artigo indefinido* ou *pronome demonstrativo*, embora essa sequência seja, de certa forma, condenada pela

<sup>1</sup> Optou por introduzir os exemplos com fragmentos de textos que compõem o *corpus* dessa pesquisa, anexos no final desse trabalho.

norma, pois recomenda-se que se evite a repetição de palavras, substituindo-as por um hipônimo (sinônimo específico) ou por um hiperônimo (sinônimo geral), utilizados em uma sequência que esteja no mesmo campo semântico, como *ônibus* por *veículo* ou *banana* por *fruta*. Entretanto, pode-se dizer que esse tipo de anáfora especificadora permite trazer, de forma compacta, informações novas a respeito do objeto de discurso de acordo com o contexto em que é utilizada, ainda que se utilize o mesmo nome-nuclear, conforme se observa no exemplo número 2.

**Exemplo 02:**

*“A sociedade atual tem que conviver com muitas questões sociais (...) Uma dessas questões que abrange quase todos os habitantes” (Red. nº06).*

Nota-se, assim, que há uma anáfora a partir da retomada do sintagma nominal, que ocorre pelo uso do mesmo nome nuclear e por um determinante gramatical – um numeral cardinal – e por um demonstrativo de organização discursiva na superfície do texto. Trata-se da repetição do mesmo item lexical, retomando o objeto de discurso ‘*questões sociais*’.

Neste sentido, vale a pena lembrar que certas paráfrases elaboradas por expressões nominais podem ter por função elaborar definições, que funcionam como retomadas, aqui chamadas de “*definicionais*” e “*didáticas*”, conforme Bezerra (2010). Essas anáforas permitem, inclusive, ao leitor aprender um léxico novo, pois, nas anáforas *definicionais*, o *definiendum* (ou o termo novo ‘técnico’ a ser definido) é o elemento previamente introduzido; e, na anáfora *didática*, observa-se a direção inversa, a definição situa-se na expressão introdutora, ao passo que o *definiendum*, muitas vezes entre aspas, aparece na expressão referencial. Acerca dos estudos sobre as anáforas pode-se entender, portanto, que ambas cumprem o papel de referentes e garantem a coesão textual. Além disso, cabe ressaltar a frequente ocorrência dessas anáforas, nas redações de alunos, sem a necessidade de dizer qual é a preferida por eles, conforme se observa no exemplo 03.

**Exemplo 03:**

*O neoliberalismo tem sido a fonte de muitos problemas nos países periféricos. Sem dúvida, o regime do Estado mínimo redimensiona a distribuição de poderes, sem benefício para a maioria. (Red. nº03)*

Nesse exemplo, há um caso de anáfora *definicional*, pois o termo *neoliberalismo* está sendo retomado por sua conceituação, isto é, a anáfora define e desenvolve o referente-tema.

Assim como também ocorre no exemplo 04.

**Exemplo 04:**

*(...)fenômeno climático que vem provocando mudanças na temperatura do Planeta Terra, com certeza, ainda promete inúmeras catástrofes ambientais. Por isso, devemos encontrar maneiras para amenizar os efeitos do Aquecimento Global. (Red. nº01)*

Nesse caso, houve uma anáfora *didática*, pois a partir da definição e explicação do fenômeno chega-se a conclusão de que se trata do *Aquecimento Global*. Percebe-se que antes de apresentar a nomenclatura pretende-se construir o conceito, isto é, primeiro define e depois nomeia. Como se pode perceber tanto a anáfora *didática* quanto a anáfora *definicional* apresentam seus referentes expressos na superfície textual, o que garante uma manutenção do referente no texto, sem repetições lexicais. Entretanto, vale destacar que também existem aquelas expressões linguísticas cuja interpretação se apóia nos parâmetros de lugar, tempo e pessoa da situação de enunciação, essas apresentam a característica definidora dos *dêiticos*, pois seu modo de referência se apóia num *referencial*, e não nos *significados*.

Para Bosch (1983 apud APOTHELÓZ, 2003, p.68), há dêixis quando a expressão tem por objetivo deslocar o campo de atenção para um referente, mas já a anáfora ocorre quando a expressão só faz manter o referente no campo de atenção. A referência dêitica é extra-textual e para ser compreendida precisa de informações de contexto, isto é, uma localização, um

momento exato ou uma imagem que ilustre a cena. Como se pode observar no exemplo de dêitico a seguir retirado da redação nº 01.

**Exemplo 05:**

a) “*Aqui está nossa discussão. Caro leitor, você é a favor ou não da cura de doenças através do tratamento com as células troncos, mesmo essa célula sendo um estágio da gravidez?*” (Red. nº01)

Nesse exemplo, há a dêixis textual, pois a referência de lugar a um determinado ponto do texto onde se inicia a discussão acerca do tema. O advérbio de lugar ‘*aqui*’ não apresenta um referente expresso na superfície textual, a referenciação dêitica ocorre como uma sinalização, como se o autor do texto estivesse apontando um referente extratextual, um parágrafo do texto ou um momento do discurso. Neste caso, a dêixis textual funciona como uma forma de referenciação localizada no cotexto de lugar. O exemplo “*Aqui está nossa discussão*” serve para mostrar como as formas nominais garantem a coesão referencial a partir de informações contextuais relevantes para a coerência, ou seja, o sintagma ganha sentido no texto.

**Exemplo 05:**

b) “*O Brasil precisa de leis mais severas para punir esses criminosos, que não são somente pobres, há também muitos ricos que cometem crimes por aqui.*” (Red. nº22)

Já, nesse exemplo, o que se nota é que existe diferença entre a dêixis e a anáfora, pois como se percebe o mesmo sintagma “*aqui*”, agora faz referência a um termo que está expresso no texto “*Brasil*”. Essa referência na superfície textual é que marca a distinção entre essas duas formas remissivas: enquanto a anáfora deve ter um referente expresso, isto é, ligar dois elementos no interior de um texto; a dêixis se mantém com um referente de contexto situacional, abordado pela pragmática. Desta forma, pode-se entender que a retomada de um elemento anterior no texto é importante para garantir a manutenção das ideias, como ponto de ‘ancoragem textual’, encaminhando a uma compreensão do projeto global, conforme afirmam Haag & Othero:

A informação semântica em um texto pode ser dividida basicamente entre o *dado* e o *novo*. A informação dada tem como função construir ‘pontos de ancoragem’ para que a informação *nova* seja introduzida no contexto discursivo. [...] Na busca pela construção de sentidos do texto, vários fatores entram em jogo [...]. Um fator coesivo que auxilia o interlocutor na compreensão do texto diz respeito à ligação, ‘mostração’ ou ‘sinalização’ entre a informação nova e a dada. Esse processo é o da anáfora. [...] A anáfora é um fenômeno textual de referenciação e correferenciação, de ativação e reativação de referentes ao longo do texto. (HAAG & OTHERO, 2003)

Neste sentido, o que os autores apontam é que a coesão, ou seja, a ligação entre as partes do texto se faz por meio de elos coesivos que conectam as informações no texto, sejam elas explícitas ou implícitas. Outros autores como Halliday & Hasan (1976), ao tratarem da relação entre coesão e contexto linguístico, explicam que, além dos casos em que um elemento se refere a outro(s) no interior do texto, há também aqueles em que um elemento linguístico se refere a um elemento do contexto de situação. A este último caso dá-se o nome de referência *exófora*. Em contrapartida, a relação coesiva estabelecida entre os dois elementos no interior do texto, como temos visto até agora, recebe o nome de referência *endófora*. Nesse tipo de referência é que encontramos a modalidade anafórica. Como já foi mencionado, essa referência diz respeito a um termo citado anteriormente e, por isso, se contrapõe à modalidade catafórica, a qual está relacionada a um elemento textual

subsequente. Entretanto, pode-se destacar que esses modelos de referência endofórica acabam se restringindo, apenas, aos limites do texto, sem considerar o contexto.

Portanto, quando falarmos em anáfora ou anafórico estaremos restritos às retomadas no cotexto, isto é, àquelas que aparecem no texto e são anaforicamente reintroduzidas por meio da repetição do mesmo sintagma ou por outras estruturas sintagmáticas, como vimos, definições, elipses, pronomes ou advérbios. Inclusive, serão consideradas, neste contexto, além das anáforas, mencionadas, todas as formas de remissão a um termo, anteriormente, dito. Essa recuperação da informação dada no texto consiste no que se chama de recurso anafórico.

Por sua vez, o encapsulamento consiste em expressões referenciais, que indicam os pontos de vista, assinalando direções argumentativas e re-orientando os objetos presentes na memória discursiva. Por essa variedade de funções que podem exercer, é que se percebe a importância de formas referenciais na progressão textual e na construção do sentido dos textos produzidos. Essa orientação argumentativa de um texto pode-se, portanto, realizar pelo uso de termos ou de expressões metafóricas.

Neste sentido, os encapsuladores atuam como recursos coesivos com princípio de organização no discurso na medida em que o encapsulamento ocorre no ponto inicial de um parágrafo, funcionando como um princípio organizador na estrutura discursiva. Pode-se dizer, então, que o encapsulamento é a sumarização imaginável mais curta de uma porção discursiva precedente. Interpreta um parágrafo precedente e funciona como ponto de início para outro (CONTE, 2003:180).

Essas mudanças da apresentação de detalhes para a generalização e da descrição de fatos ou eventos, pontos cruciais no discurso argumentativo, ocorrem por meio do encapsulamento, que opera tranquilamente com esses pontos, pois ele consiste em um recurso coesivo de princípio organizador, um meio de manipulação do leitor. E pode ser facilmente compreensível para o leitor através de processos complexos de inferência.

Na verdade, entende-se que o encapsulamento consiste numa metáfora de cápsula que carrega dentro de si todo o conteúdo mencionado, anteriormente. Não há uma relação sinonímica ou de retomada de termo dito antes, o que o encapsulamento realiza é uma função de termo síntese, amarrando as arestas, ou seja, resume por meio de um sintagma nominal o que já foi dito para “encaixar” o que ainda será falado sobre o mesmo assunto. Dessa forma, o encapsulamento atua como um fenômeno lexical de inclusão sintagmática (KOCH, 1997).

Um sintagma nominal funciona como uma paráfrase, que resume uma porção anterior do texto. Paredes Silva *et alii* (2008:39) considera que esses sintagmas nominais encapsuladores são pontos nodais no texto, que funcionam como recurso de interpretação intratextual, rotulando porções textuais precedentes, ou seja, um ponto exclusivamente nodal na hierarquia semântica de texto (cf. VAN DIJK, 1992).

O sintagma nominal encapsulador pode aparecer formado por um nome núcleo e um determinante demonstrativo, este com intrínseco poder dêitico. A exemplo disso tem-se o seguinte fragmento retirado da Redação número 1:

**Exemplo 06:**

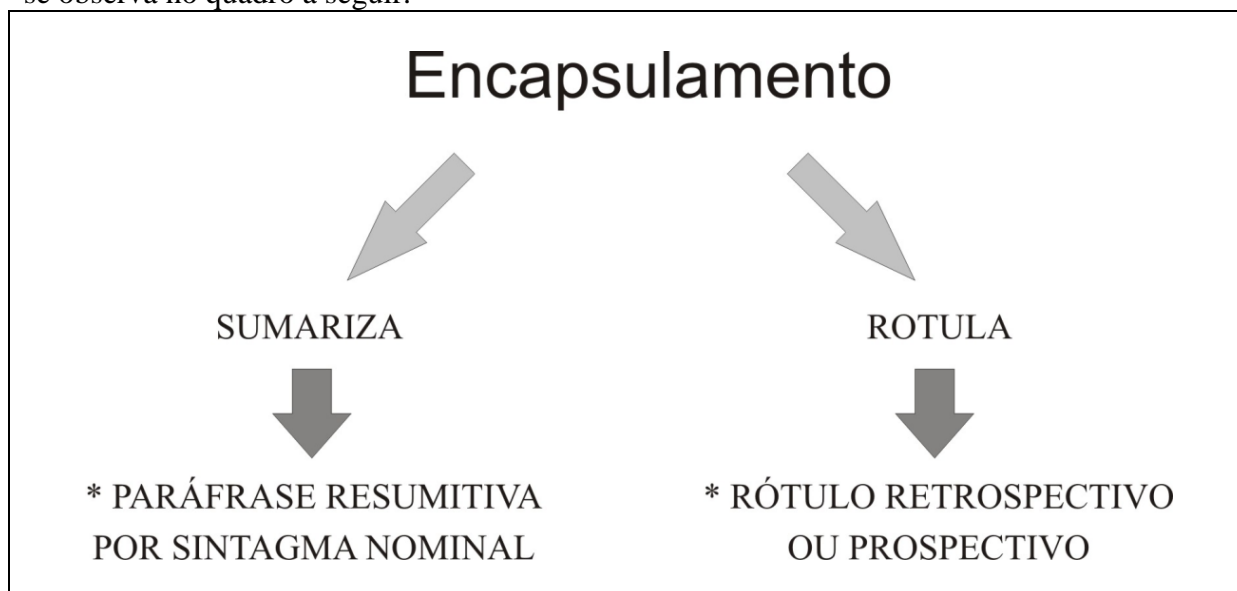
“*Nota-se, (...) o aquecimento global, (...) reverter esse processo.*” (Red. nº01)

Nesse exemplo, a retomada do tema *Aquecimento Global* se dá através do encapsulamento da tese do parágrafo, no qual o aluno se refere ao *Aquecimento* como *processo*. É preciso ressaltar, ainda, que o encapsulamento, além de retomar algo, acrescenta ao mesmo um juízo de valor que deixa claro o ponto de vista de quem o utiliza, isto é, a remissiva encapsuladora além de manter a referência também contribui para a progressão, na medida em que se inserem rótulos que irão orientar a abordagem no texto.

Fica evidente, assim, que o encapsulamento consiste na visão metafórica de uma cápsula que carrega, dentro de si, várias substâncias pertinentes para surtir efeito. Ou seja,

para se compreender o sentido do texto, é preciso identificar as informações que estão inerentes ao termo encapsulador.

Desta forma, encara-se esse fenômeno lexical de inclusão sintagmática como uma paráfrase resumitiva de uma porção textual, que aparece em pontos nodais do texto, funcionando como um recurso de interpretação intratextual, capaz de resumir e rotular as partes do texto (argumentos, temas, teses, parágrafos ou informações precedentes), conforme se observa no quadro a seguir:



**Figura 01: As funções do Encapsulamento.**

Afirma-se que o encapsulamento não é apenas uma paráfrase resumitiva, na verdade, com base em uma porção textual precedente – informação velha, ele introduz no texto um item lexical que não havia sido mencionado antes, por meio de um rótulo que direciona a abordagem temática. Assim, além de expressar uma opinião, o encapsulamento pode se transformar em um argumento para o que virá a seguir.

Neste sentido, vale destacar a contribuição de Bezerra (2010), ao lembrar que existem dois tipos de rótulos: rótulos prospectivos e rótulos retrospectivos. Esses rótulos podem funcionar tanto anaforicamente (para trás), isto é, se o rótulo preceder seu referente, chamando-se de rótulo prospectivo; quanto cataforicamente (para frente), se o rótulo vier após a lexicalização, sendo chamado de rótulo retrospectivo. Daí, é possível entender que o rótulo e sua lexicalização operam coesivamente nas orações. Percebe-se, portanto, que, além de o encapsulamento ser um recurso coesivo por integrar partes dentro do texto, o sintagma nominal encapsulador, também, direciona o fluxo da argumentação, desempenhando seu papel na organização textual.

Logo, já falamos da anáfora e, posteriormente, do encapsulamento. Cabe analisarmos como ocorre o fenômeno de junção dessas duas ferramentas coesivas de referência. Com base nos dados apresentados, pode-se conceber que o *encapsulamento anafórico*, segundo Conte (2003), é um recurso coesivo com base em uma estrutura sintagmática (SN), que funciona como uma paráfrase resumitiva de uma porção precedente no texto. O encapsulamento anafórico introduz novo referente discursivo criado sob informação velha, funcionando como uma integração semântica, configurando pontos nodais do texto. Essa retomada dos dados anteriores pode ser feita de forma retrospectiva ou anaforicamente, constituindo uma atividade discursiva.

O encapsulamento anafórico é um fenômeno linguístico, que se dá no âmbito textual, quando o escritor produz uma introdução de novo referente no texto, proporcionando a



ativação de uma informação ancorada sempre no antecedente ou sempre que um novo objeto de discurso é introduzido no texto. Desse modo, ocorre algum tipo de associação com elementos já presentes no cotexto ou no contexto sociocognitivo dos interlocutores. Esses casos de introdução de referentes de forma ancorada constituem anáforas indiretas, uma vez que não existe no cotexto um antecedente explícito, mas, sim, um elemento de relação, que se pode denominar de âncora (SCHWARZ, 2000), decisivo para a interpretação (KOCH, 2002).

Todavia, cabe ressaltar que além de anafórico, esse novo referente também rotula a porção precedente no texto, indicando a orientação argumentativa. Esse fenômeno linguístico de rotulação assemelha-se ao que Conte (2003) chama de *encapsulamento anafórico*. Essa autora, diferentemente de Francis ([1994]2003), se dedica apenas aos casos de anáfora com teor axiológico<sup>2</sup>. No entanto, Conte (2003) ainda argumenta que o encapsulamento anafórico não é apenas uma síntese do que foi dito, na verdade, com base na informação anterior, ou seja, na informação velha, apresenta um novo item lexical, que revela a direção argumentativa. Assim, percebe-se que, além de funcionar como um conectivo, integrando as partes do texto, o sintagma encapsulador, geralmente, assume um papel na articulação das ideias.

Sob este prisma, a estruturação e organização do texto demandam o uso dos encapsuladores anafóricos, que chegam muito perto dos conectivos textuais, isto é, esses referentes funcionam no encapsulamento anafórico na formação de conectivos, como processos de gramaticalização, existindo, portanto, uma transição do léxico para a gramática (MARCUSCHI, 1983). Tudo isso possibilita entender que os referentes não são indivíduos, mas são como entidades de uma ordem superior: estados, fatos, proposições ou atos de enunciação. O antecedente não é claramente delimitado no texto e deve ser reconstruído. Por isso cabe ao encapsulamento anafórico estabelecer uma relação ao eixo ‘velho-novo’, como um princípio organizador no discurso. Desse modo, percebe-se que esse encapsulamento introduz novo referente discursivo criado sob a informação velha, funcionando como uma integração semântica, configurando pontos nodais do texto.

Neste sentido, esta pesquisa traz a lume o encapsulamento anafórico como o denominador comum de sintagmas nominais, que são usados “para sumarizar, para reformular, para condensar informação” (KOCH, 2002). Ele é primariamente uma categorização dos conteúdos do cotexto precedente, pois envolve o eixo ‘velho-novo’, sendo claramente dependente do cotexto. Assim, pode-se dizer que o encapsulamento anafórico é uma anáfora pragmática, pois os sintagmas nominais anafóricos veiculam a informação velha. Entretanto, este conceito é mais do que a apresentação de uma paráfrase resumidora de uma porção textual, pois pode ser considerado novo, por no mínimo dois motivos: primeiro, por ter um item lexical novo; e, segundo, por categorizar a informação cotextual dada.

Desta forma, com base na informação velha, um novo referente discursivo é criado, e se torna o argumento de predicções futuras. Assim, o encapsulamento anafórico se torna um procedimento de introdução de referentes no texto. Referentes criados na dinâmica do texto. A expressão referencial funciona retroativamente como um recurso de integração semântica, ou seja, como o termo para identificar um fenômeno diferente. Esse termo é usado para caracterizar uma sentença final em um texto e produz integração semântica de proposições não-relacionadas de outro modo. Trata-se de *pistas* de contextualização que orientam o leitor na concatenação das cadeias referenciais.

O sintagma nominal encapsulador produz um nível mais alto na hierarquia semântica do texto, aparecendo em ponto nodal no texto, auxiliando a interpretação da porção textual

---

<sup>2</sup> Considerar-se-á, neste trabalho, axiológico como um valor qualificativo, ou seja, um juízo de valor acerca do referente.

precedente, servindo como um valioso artifício na manipulação da interpretação pelo leitor dos fatos apresentados. Neste sentido, o núcleo do sintagma nominal anafórico se configura como um nome axiológico (CONTE, 2003), uma vez que o texto oferece uma avaliação dos fatos e eventos descritos.

Assim, retoma-se a contribuição de Bezerra (2010), ao lembrar que existem dois tipos de rótulos: rótulos prospectivos e rótulos retrospectivos. Todavia, dentro dessa análise do encapsulamento anafórico, fica claro que serão considerados, apenas, os rótulos retrospectivos cuja extensão do discurso se dá como um ato linguístico, um argumento, um aspecto ou uma declaração. Esse conjunto é, na verdade, formado por estágios da argumentação, que, no desenvolvimento do discurso, esses rótulos vão caracterizando o referente e trazem novas informações para o mesmo.

Por esse motivo, cabe ressaltar que a principal característica de rótulo é que ele exige realização lexical, em seu cotexto. Como se pode ver em Koch (2002), as referências, assim como os rótulos, funcionam tanto cataforicamente (em frente), quanto anaforicamente (atrás). Por isso, retoma-se a distinção de Bezerra (2010), para se concluir que os rótulos e suas lexicalizações operam coesivamente nas orações. Francis (1984) afirma que as novas predicções são atribuídas aos referentes por meio dos rótulos, ou seja, determinadas características especificam o referente a partir de um adjetivo avaliativo como modificador. Isso possibilita a compreensão da rotulação como um meio de classificar a experiência cultural de modos estereotípicos; um conjunto de realizações de uma ideia ou de uma proposta, mas que não é limitado.

Portanto, o rótulo passa a constituir um processo aleatório de nomeação, percepções partilhadas ou partilháveis, como a experiência e entidades nomeáveis. Por isso, a tendência para a seleção do rótulo está associada a colocações comuns, pois os rótulos são construídos dentro de sintagmas fixos ou de expressões idiomáticas. Todavia, cabe ressaltar que o rótulo retrospectivo se acha em companhia predizível, prontamente, utilizável de forma comum na comunicação falada e escrita.

Desse modo, essas formas remissivas têm um papel organizacional importante: elas sinalizam, muitas vezes, que o autor do texto está passando a um estágio seguinte de sua argumentação, por meio do fechamento do anterior, pelo seu encapsulamento em uma forma nominal. Assim, na produção de texto, é possível diagnosticar uma sequência de encapsuladores que retomam o mesmo referente no texto, formando aquilo que se pode chamar de cadeia de referenciação.

Por isso, Koch (2002:85) considera que “a construção de cadeias referenciais possibilita a procedência da categorização ou da recategorização discursiva dos referentes”. Entretanto, nota-se que o uso de expressões nominais permite, muitas vezes, realizar não uma sumarização e/ou recategorização do conteúdo da predicação precedente, mas, especificamente, a categorização e/ou avaliação da própria enunciação realizada. Essas são operações cognitivas que se preocupam com o enunciado citado para que seja categorizado como uma premissa ou uma estratégia argumentativa.

Nesse contexto, torna-se possível elaborar o esquema, a seguir, a fim de mostrar como ocorre essa categorização do referente, na redação número 11, cujo tema é a *Legalização da maconha* e o termo *usuário de drogas* será retomado por meio de rótulos que irão categorizá-lo de forma expressiva para sustentar a tese do aluno contra a proposta temática, revelando seu juízo de valor acerca desses usuários:

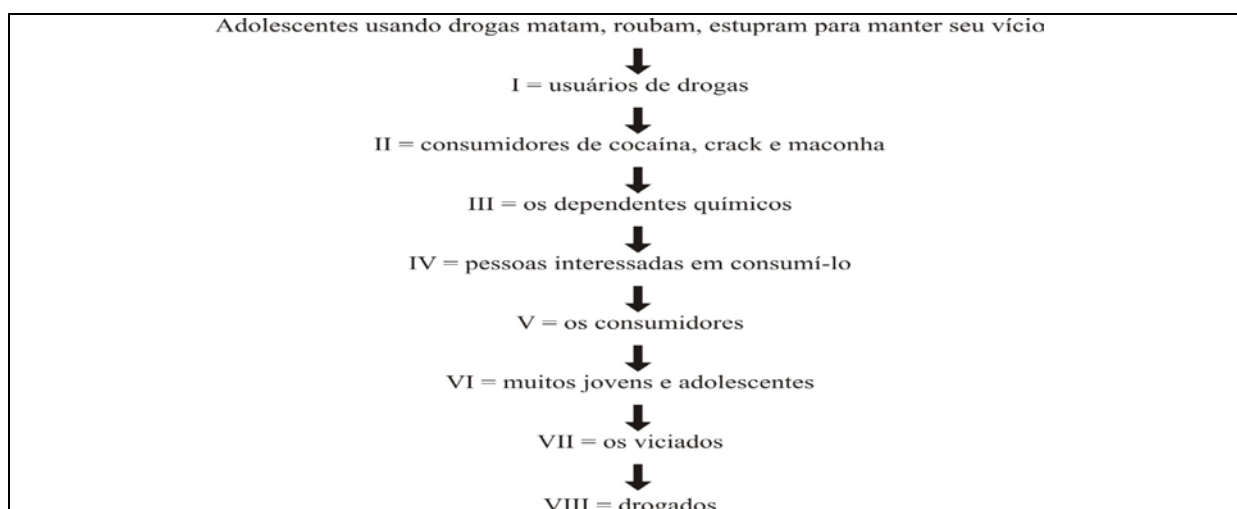


Figura 2: Categorização de um referente na Redação N°11.

Nota-se, nesse esquema, que dentro do projeto de texto, o conjunto de informações expressas vai sendo elaborado, num processo de construção de sentidos, segundo Tedesco (2002), tornando-se os referentes objetos de discurso. Isso mostra que é sempre preciso recorrer ao nosso conhecimento de mundo para construir o sentido de um texto, pois o encapsulamento anafórico permite ao escritor atribuir uma força ilocucionária a algum enunciado. Essa categorização de *usuários de drogas* e, posteriormente, *dependentes químicos*, seguido por *consumidores* no enunciado como um ato de fala particular produz uma mudança para o nível metacomunicativo, função argumentativa atribuída ao segmento textual.

Entende-se, assim, que a categorização realizada faz uma avaliação / juízo de valor dos indivíduos apresentados também como *jovens e adolescentes que usam drogas*. Essa operação cognitiva mostra a opinião do redator em relação às drogas como algo muito ruim. Esta intenção emotiva relevante do falante funciona como um ato de enunciação pragmático-discursiva, principalmente, quando julga esse antecedente com os rótulos pejorativos de *viciados* e *drogados*. Desse modo, é possível perceber como os encapsuladores anafóricos se preocupam com o enunciado citado para que seja categorizado como uma premissa ou uma estratégia argumentativa.

Além disso, há a segunda ocorrência que retoma o viés da sumarização e apresenta o encapsulamento anafórico em uma cadeia não específica, resumindo a porção precedente textual, evocando, assim, um novo referente no texto:

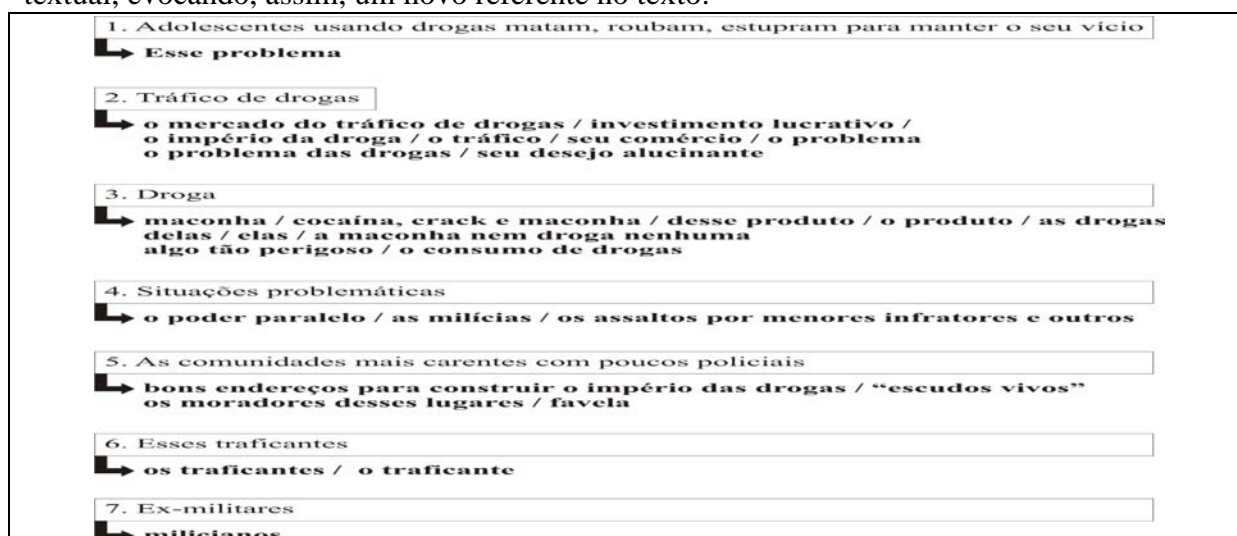


Figura 3: Sumarização e/ou recategorização do conteúdo da predicação precedente na Redação N°11.

Desse modo, não se pode deixar de considerar que um mesmo referente pode ser recategorizado de diversas maneiras, por meio de propriedades diferentes que lhe vão sendo atribuídas. Cada uma revelando uma face diferente do mesmo objeto. Por essa razão, as recategorizações de um mesmo termo retomam informação dada e trazem informação nova – constituem um instrumento poderoso para estabelecer a orientação argumentativa do texto. Por exemplo, quando se retoma *ex-militares* com *milicianos*, além da referência acrescenta-se um novo argumento ao texto, um novo referente. Em muitos casos, afirma Francis (1984), o uso dessas recategorizações diz respeito a uma ativação, dentro dos conhecimentos partilhados entre produtor/leitor, das características ou dos traços dos referentes.

Na teoria textual, a substituição do antecedente por esse novo referente deve ter um papel importante. O fenômeno, que cai sob o conceito encapsulador, leva em conta a função dos nomes gerais no discurso, sob o título de ‘referência estendida’, com alto potencial anafórico. Dessa forma, o encapsulamento anafórico configura o estado de arte, pois é usado para fazer referência metadiscursiva, sem juízo de valor, organizando o discurso, resumizando ou reformulando o precedente a que se refere, seja um termo ou toda uma sentença. No exemplo 07, abaixo, se pode notar como acontece uma sumarização que opera coesivamente como um encapsulamento do tópico frasal do período anterior, utilizado para conectar e organizar o discurso escrito:

**Exemplo 07:**

*“A população (...) prefere consumir produtos, ecologicamente, eficientes,(...). Através desse hábito de compra as empresas se viram pressionadas (...).(Red. nº01)*

Nesse exemplo há Encapsulamento anafórico por meio da sumarização. Ao retomar o conteúdo precedente com o sintagma nominal *desse hábito*, o item referencial sumariza e encapsula o que veio antes, reintroduzindo o tema com o nome nuclear *hábito*. Dessa forma, a sumarização e a categorização de segmentos textuais antecedentes podem ocorrer por meio de rotulação. Assim, os referentes já introduzidos no texto podem ser retomados também, mantendo as mesmas características e propriedades ou, como é muito comum, com alterações ou com o acréscimo de outras.

Nesse sentido, o encapsulamento tem uma função de extrema relevância: a organização do texto. Isso porque ela opera no nível da organização tópica e da progressão textual. Tedesco (2002) esclarece que, quando o produtor sumariza um determinado ponto da exposição, por exemplo, está acionando no leitor determinados *frames* (de referência) para a informação que se sucede, apontando um novo estágio da argumentação. Assim, é possível perceber, por meio das expressões utilizadas, a intenção comunicativa do produtor no texto, visto que essa estratégia amplia o espectro de informação, construindo novos sentidos, pois traz a lume informações adicionais, que viabilizam o projeto do texto e contribuem para a orientação argumentativa.

Fica evidente, portanto, que, construindo essa cadeia de referenciação, as expressões definidas com modificadores proporcionam a progressão referencial, que para Marcuschi (1983) “se dá com base na relação entre linguagem, mundo, pensamento, mediados, centralmente, no discurso”. Essa progressão oferece mais informações, juízos de valor e opiniões ao leitor, pois os referentes (informações velhas) serão retomados, ao se introduzirem SNs definidos, com base em conhecimento compartilhado na interação autor-texto-leitor. O encapsulamento anafórico auxilia na construção de informações impressas no texto. Neste sentido, ele se configura como uma expressão nominal, que é definida pelos elementos que a compõe, atingindo maiores proporções semânticas, conforme a seleção vocabular de seus constituintes sintagmáticos, que têm papéis importantes na realização desse fenômeno coesivo. De acordo com Koch (2002:86), as descrições definidas são formas linguísticas que, geralmente, apresentam uma configuração de determinante, seguido de um

nome núcleo com o seu respectivo modificador como, por exemplo, em *essa célula tronco* ou em *a questão ambiental*.

Percebe-se, no entanto, que o determinante da configuração de um encapsulamento pode apresentar formas distintas, isto é, morfológicamente, ele pode aparecer como pronome ou artigo ou numeral. Sendo assim, comprova-se a relevância desse tipo de constituinte para a construção do encapsulamento anafórico, enfatizando que ele varia de acordo com o contexto. Além disso, a estrutura do SN, também, se altera na medida em que o modificador altera a sua posição no sintagma, modificando-o também, semanticamente, como no caso de *a professora nova* (que indica o fato de a professora ser jovem) ou de *a nova professora* (o fato de ela ser recém contratada). Dessa forma, apesar de as configurações dos encapsuladores mencionadas, anteriormente, obedecerem à estrutura *determinante < nome núcleo < modificador*, pode-se destacar, também, outros tipos de sintagmas em que o modificador, por possuir certa flexibilidade de posição em relação ao nome nuclear, aparece à esquerda do nome-núcleo. Como nos outros exemplos do *corpus* deste trabalho: *as fortes chuvas*, *a má comunicação*, *uma vergonhosa mancha de sujeira*. Embora, nesses exemplos não haja modificação semântica para o sintagma ainda que se mude a ordem do constituinte na estrutura sintagmática.

Entretanto, levando-se em consideração, ainda, os termos que configuram o encapsulamento anafórico, deve-se observar, também, como o modificador se altera morfológicamente por causa de sua posição. Dessa forma, se eles aparecerem à direita do nome-núcleo poderão ser adjetivos ou complementos preposicionados ou até apresentarem a forma de uma oração relativa como em *calotas polares* ou em *hábito de ler*. Todavia, se eles aparecerem à esquerda serão apenas adjetivos, como se pode verificou nos exemplos mencionados, *as fortes chuvas*. Assim, é possível notar como o modificador influencia, textualmente, o encapsulamento anafórico utilizado na progressão referencial. Em termos gerais, quanto à configuração do encapsulamento anafórico não se pode negar a importância do nome-núcleo selecionado pelo produtor do texto. Neste sentido, ressaltam-se como todos os constituintes, portanto, têm importantes papéis na estrutura do sintagma encapsulador, contribuindo assim para eficácia da referenciação. Muitas pesquisas têm mostrado que as expressões nominais referenciais desempenham uma série de funções cognitivo-discursivas de grande relevância na construção textual do sentido, dentre as quais se podem destacar as seguintes: ativação e reativação na memória. Essas funções atuam como formas de remissão a elementos anteriormente apresentados no texto ou sugeridos pelo contexto precedente, possibilitando a (re)ativação de alguma informação na memória do interlocutor.

Por outro lado, os SNs encapsuladores, também, podem realizar funções discursivas que produzem rótulos no texto para palavras, frases ou orações. Ao operarem uma recategorização ou refocalização do referente, ou então, em se tratando de nominalizações, ao encapsularem e rotularem as informações-suporte, elas têm, ao mesmo tempo, função predicativa, isto é, carregam uma informação nova. O rótulo tem papel organizador que se estende. Isso quer dizer que o grupo nominal deve ser plenamente lexicalizado no que se segue, e as orações de substituição (WINTER, 1982) devem ser plenamente compatíveis semanticamente. Nesse sentido, os modificadores lexicais atuam como qualificadores adicionais dentro do grupo nominal, desempenhando, assim, em conjunto, as funções preditivas e organizadoras típicas dos rótulos. Um rótulo prospectivo é usado na lexicalização única das orações que substitui, essas podem ser preditas: sua função é dizer ao leitor o que esperar. Já o rótulo retrospectivo, por sua vez, exige uma explanação diferente do que foi lexicalizado. Rótulo retrospectivo serve para encapsular ou empacotar uma extensão do discurso. Funciona como um grupo nominal anaforicamente coesivo e não há nenhum grupo nominal particular: não é uma repetição ou um “sinônimo” precedente, ele é apresentado

como equivalente à oração que substitui. Desta forma, os rótulos indicam ao leitor exatamente como esta extensão do discurso deve ser interpretada, num esquema de referência. Desse modo, o nome núcleo e o modificador qualificativo funcionam como um item referencial, nomeando a extensão do discurso, pois servem para resumir e rotular o que veio antes, reintroduzindo o tema, como se pode perceber no fragmento retirado da redação número 1:

**Exemplo 11:**

*“A partir da década de 80, começou a se espalhar no mundo uma pressão nos governos para que intervissem de alguma forma na questão ambiental.” (Red. nº01) – Sintagma nominal encapsulador.*

Assim, o nome neutro “*questão*”, acompanhado por um modificador, que especifica o rótulo, contribui para o papel de predição e encapsulamento, definindo o tema como relativo ao meio ambiente. Portanto, quando o termo para introduzir um referente é de pouco uso ou específico de determinado gênero, podemos auxiliar o leitor substituindo esse termo, no momento da retomada, por um sinônimo mais comum ou por um hiperônimo (termo de sentido mais amplo, que engloba o termo mais específico); ou, ainda, apresentar uma definição ou um esclarecimento, na própria retomada. Dessa forma, se podem notar como essas expressões contribuem para a construção de cadeias de referência e, na medida em que, cuidarem de garantir a continuidade de um texto, poderão realizar a chamada progressão referencial estabelecendo um equilíbrio entre duas exigências: repetição (retroação) e progressão. Isto é, na escrita de um texto, remete-se a referentes que foram apresentados e introduzidos na memória do interlocutor; e acrescentam-se as informações novas, que passarão também a constituir o suporte para outras informações.

As retomadas ou remissões a um mesmo item lexical contribuem para a progressão referencial. Essa é a principal finalidade textual do encapsulamento anafórico abordada, neste trabalho, pois, no *corpus* recolhido, procura-se mostrar como se dá essa progressão a partir de cadeias de referência. Desta forma, os encapsulamentos mais do que retomar algo, evitando a repetição de palavras, também, são responsáveis por definir cada vez mais seu antecedente, configurando mais do que um par sinonímico, resumindo e direcionando a abordagem argumentativa da dissertação. Segundo Koch (2002), o encapsulamento anafórico pode contribuir na orientação argumentativa de um texto, pois é um recurso que favorece a explicitação do ponto de vista do produtor do texto. A autora acrescenta ainda que cada tipo de rótulo imprimir ao texto em que está inserido um grau de argumentatividade distinto, ou seja, há rótulos que podem ser vistos como aparentemente neutros e outros que denotam uma elevada carga de argumentatividade. Tedesco (2002) corrobora esta visão porque afirma que o caráter avaliativo do rótulo não reside, apenas, no nome núcleo ou no modificador, mas também no contexto em que o rótulo se insere. Segundo Koch (2004:256), a maior parte dos rótulos encerra um valor persuasivo, ou seja, os rótulos podem orientar o interlocutor na direção de certas conclusões.

Conte (2003:177) adiciona que o fato de o nome núcleo ser axiológico, como em “*esta oportunidade*”, possibilita que o encapsulamento seja uma forma poderosa de manipulação do leitor, porque o texto oferece uma avaliação dos fatos. Desta forma, fica claro entender em que consiste o fenômeno do encapsulamento anafórico – a retomada avaliativa – e como ele contribui para a progressão referencial na proporção em que se inserem esses rótulos que remetem a porções textuais, anaforicamente, para terem significados explicitados. Koch e Marcuschi (2002) apontam essa progressão referencial como uma operação complexa, porque, embora esteja centrada no discurso, envolve linguagem, mundo e pensamento. Assim, a retomada e a progressão são indicadas como uma finalidade textual do encapsulamento anafórico, pois, a partir dessas ações, ele consegue garantir a organização das partes do texto, unindo o que foi dito ao que ainda vai dizer, destacando sua relevância, também, na

organização tópica. Neste sentido, pode-se destacar como em uma produção textual ocorrem as retomadas realizadas para garantir a manutenção temática. Pode-se notar isso no exemplo 12, retirado da redação número 24 do *corpus*, em que o tema do texto em questão trata do ensino superior brasileiro, por isso o redator aborda como público alvo envolvido na discussão das cotas - *os universitários*:

**Exemplo 12:**

*“[...]Poucos são beneficiados por estas chamadas “cotas”, que se beneficia mais não são as pessoas que necessitam e assim aquelas que nem precisa, mas sem nenhum esforço acabam sendo beneficiados.[...] que pouco nos beneficia.[...] são poucos que apóiam que debatem sobre o assunto.” (Red. n°24)*

Nesse exemplo, o encapsulamento anafórico ocorre por meio de rótulos que categorizam o elemento temático ‘*os universitários*’. Assim, fica claro que o encapsulamento não se limita, apenas, ao campo referencial, podendo atuar também na argumentação, no discurso e na tipologia textual. Logo, percebe-se que essa referenciação tem muitas finalidades no texto e, por isso, é necessário que o encapsulamento anafórico, na organização discursiva, seja capaz de assumir sua responsabilidade pela direção argumentativa do texto.

Como vimos na seção anterior, a progressão referencial pode ser compreendida como o processo de introdução e retomada dos referentes, ao longo do texto, por meio dos recursos de referenciação. Dentre esses recursos destaca-se o encapsulamento anafórico como responsável por essa progressão. Tal articulação possibilita pensar em que sentido a seleção lexical na construção do sintagma nominal encapsulador contribui para a argumentação.

Desse modo, a linguística textual passa a considerar os conhecimentos acumulados e compartilhados pelos participantes da cena comunicativa no processamento dos textos, reconhecendo que a construção de significados veiculados pelo texto se dá pela conexão de várias ações conjuntas praticadas pelos indivíduos:

[...] na base da atividade linguística está a interação e o compartilhar de conhecimentos e de atenção: os eventos linguísticos não são a reunião de vários atos individuais e independentes. São, ao contrário, uma atividade que se faz *com* os outros, conjuntamente. (KOCH, 2004:31)

É neste íterim que o pensamento linguístico se volta para as questões cognitivas relacionadas à referenciação e à progressão, que emergem na linguística textual, conforme já foi visto (cf. seção 2.1) nos estudos de Mondada e Dubois (2003), que discutem o processo de referenciação ao longo das interações linguísticas. Com isso em mente, a progressão referencial ocorrerá pela recorrência de vários referentes relacionados a um mesmo item no interior do texto. Para tanto, torna-se necessário lançar mão do conceito de *cadeia referencial*, que, segundo Koch (2004:67), torna-se pertinente a esse estudo, pois “a reconstrução é a operação responsável pela manutenção em foco, no modelo de discurso, de objetos previamente introduzidos, dando origem às cadeias referenciais ou coesivas, responsáveis pela progressão referencial do texto”.

Tal construto teórico está relacionado à introdução e à manutenção dos referentes ao longo do texto. Além disso, por estar relacionada à manutenção de referentes, o estudo da progressão referencial, apesar de pertencer ao âmbito da coesão textual, articula-se às exigências de *repetição* e *progressão* da coerência textual (CHAROLLES, 1998 [1978]). No que concerne à repetição, a partir da recorrência de elementos e conteúdos, ela deve ser realizada com o intuito de fazer progredir o texto por meio de acréscimo semântico. Já, no que tange os estudos acerca da progressão referencial, é importante ressaltar que não pressupunham uma estabilidade ou univocidade referencial. Para Marcuschi & Koch (2002),

por exemplo, “todos os casos de progressão referencial são baseados em algum tipo de referenciação, não importando se são os mesmos elementos que recorrem ou não.” (p.88).

Assim, pode-se concluir que a construção das cadeias de referenciação está mais relacionada à coesão textual, uma vez que concerne à retomada dos referentes. A este respeito, Marcuschi & Koch (2002:38) afirmam que “*retomar* é uma atividade de continuidade de um núcleo referencial, seja em uma relação de identidade ou não. Ressalta-se que a continuidade não implica referentes sempre estáveis nem identidade entre referentes”. Com essas afirmações, abre-se espaço para que se possa compreender que o conceito de progressão referencial abarca os casos em que temos uma pluralidade de referentes, formando cadeias referenciais. E, dessa forma, a não-identidade entre os referentes que progridem está relacionada à ampliação propiciada pelo conceito de referenciação, que supera a equivalência entre a referência textual e a correferência presente nos estudos da linguística textual.

Neste sentido, Koch & Elias (2009:132) explicam que referenciação é “o processo que diz respeito às diversas formas de introdução, no texto, de novas entidades ou referentes” e que se tem progressão referencial quando “tais referentes são retomados mais adiante ou servem de base para a introdução de novos referentes”. Além disso, a respeito do referente, só haverá progressão referencial quando houver a retomada/remissão de um *mesmo* referente. Essa restrição imposta à progressão referencial repercute na conceituação das cadeias anafóricas ou referenciais:

Quando remetemos seguidamente a um mesmo referente ou a elementos estreitamente ligados a ele, formamos, no texto, *cadeias anafóricas ou referenciais*. Esse movimento de retroação a elementos já presentes no texto – ou passíveis de serem ativados a partir deles – constitui um princípio de construção textual, praticamente todos os textos possuem uma ou mais cadeias referenciais. (KOCH & ELIAS, 2009:144, grifo das autoras)

Nessa mesma publicação, as autoras, também, tecem observações a respeito das sequências *expositivas*. Essas sequências textuais corroboram para este trabalho por se tratar de um *corpus* composto por textos dissertativo-argumentativos cuja exposição a seguir explica melhor essa relação.

[...] em **sequências expositivas**, a cadeia anafórica principal dirá respeito ao referente (ideia) central que está sendo desenvolvido, podendo, evidentemente, haver outras, relativas aos demais referentes que forem aparecendo no curso da exposição. (KOCH & ELIAS, 2009:146, grifo das autoras).

Essas sequências expositivas, nas redações escolares, se formam pelo uso de categorizações e recategorizações que diz respeito a uma ativação, dentro dos conhecimentos partilhados entre produtor / leitor, das características ou dos traços dos referentes. Esses, por sua vez, compõem a cadeia de referenciação, auxiliando o produtor do texto naquilo que deseja ressaltar na sua argumentação, auxiliando o leitor na construção das informações que ele deseja imprimir na superfície textual. Neste sentido, o encapsulamento anafórico se mostra útil para construir a progressão referencial no texto, visto que ele amplia o espectro de informação, oferecendo novos dados adicionais, o que evita repetições causais que podem não acrescentar um maior sentido ao texto, ou seja, informações que não contribuem para a orientação argumentativa desejada.

Desse modo o tópico discursivo é abordado no texto, sem repetições e pode ser mantido ao longo de várias orações por meio de novos referentes ou pode ser abandonado e outro tópico poderá ser retomado. Tudo isso revela que o texto não é monotópico, conforme afirma Koch (2000). O que permite ao redator utilizar, no conjunto de cadeias de



referenciação, as expressões que irão proporcionar a eficácia da progressão referencial. Esta progressão, certamente, contribui com o leitor ao lhe oferecer mais informações, juízos de valor e opiniões determinadas pelo produtor do texto.

Observar-se-á que, nos exemplos analisados acerca do encapsulamento anafórico nas redações que constituem este *corpus*, o uso da categorização e da recategorização se faz bastante recorrente nas funções argumentativas do discurso, contribuindo para a progressão como um fenômeno textualmente relevante. Assim, vale lembrar que por meio de uma categorização veicula-se a informação velha, isto é, há a retomada do termo já dito, e ocorre uma instrumentação ao leitor para que descubra esse antecedente da expressão anafórica, na medida em que novos referentes são introduzidos no texto. Essa categorização, conforme afirma Tedesco (2002), é ponto exclusivamente nodal na hierarquia semântica do texto, ou seja, o encapsulamento através da avaliação com o rótulo atribuí ao antecedente um novo significado textual como um rema da oração. Essa parte do foco da informação nova considera o potencial tomado no desenvolvimento do argumento, expondo a informação apresentada como nova se tornando prospectiva, progressiva, a partir de escolhas lexicais e sintáticas compatíveis.

A categoria dos rótulos funciona para isolar um conjunto de nomes, um traço metalinguístico, que rotula uma extensão discursiva como um tipo particular de linguagem. Esses rótulos são usados pelo redator para forjar relacionamentos localizados inteiramente dentro do próprio discurso. O *status* linguístico de uma proposição revela a distinção entre indicadores de “estrutura” e indicadores de “conteúdo”, isto é, quando atuarem coesivamente na forma textual, garantido a manutenção e evitando repetições, serão indicadores de “estrutura”; e, quando contribuírem para a progressão referencial, serão de “conteúdo”. Desta forma, os rótulos são apresentados como dados e como sinônimos de suas orações referentes, tal sinonímia é um construto, um recurso de progressão referencial, que serve aos objetivos do argumento. Esses rótulos são apresentados como pró-formas dadas. Eles têm significado interpessoal e podem, de fato, adicionar algo novo ao argumento, indicando a avaliação do produtor do texto acerca das proposições que eles encapsulam. Além disso, os rótulos de retomada retrospectivos também têm uma importante função organizadora: eles assinalam que o produtor está se movendo para a fase seguinte de seu argumento, tendo-se utilizado da fase anterior, encapsulando-a ou empacotando-a em uma única nomeação. Estes rótulos têm uma clara função de mudar o tópico e de ligá-lo, porém essa função assinaladora é reforçada quando as orações que contêm rótulos retrospectivos são comumente introdutoras de parágrafos, limitando, assim, seu papel organizador.

O uso de um rótulo retrospectivo ajuda na progressão referencial, ao organizar uma extensão discursiva muito maior, unindo dois elementos estruturais maiores. O rótulo fica na fronteira entre as seções de situação e de avaliação de um padrão discursivo extenso e faz referência para trás, a fim de encapsular e reintroduzir como dada a situação descrita no parágrafo precedente, podendo servir também para avaliar. No exemplo 13, nota-se essa função encapsuladora, pois o aluno, na conclusão, retoma a tese apresentada na introdução do texto, ao resumir, avaliar e reintroduzi-la como dada.

**Exemplo 13:**

Introdução→*De acordo com a legislação brasileira [todas as crianças e adolescentes do Brasil têm direitos, que devem ser respeitados pela sociedade e pelo estado].(Red. nº50) - Tese.*

Conclusão→*“Portanto conclui-se que com o apoio do estado e da família, além da participação da sociedade, é possível enfrentar esse desafio nacional,” (Red. nº50)*

Nota-se, nesse exemplo, que, na conclusão, há um rótulo retrospectivo responsável pela síntese da tese, avaliando-a e reintroduzindo-a por meio de determinante demonstrativo.

Assim, percebe-se como a função coesiva intrínseca dos rótulos retrospectivos é anafórica, pois gera a mudança de direção assinalada pelo rótulo e seu ambiente imediato que é crucial para o desenvolvimento do discurso. Construir a progressão referencial estrategicamente para efeitos criativos ou persuasivos é tarefa desse recurso encapsulador. Logo, o rótulo é um recurso que faz progredir a referenciação no texto de modo que o redator amplia o ‘leque discursivo’, ao se referir a um determinado item textual.

Sob este prisma, cabe ressaltar que qualquer nome pode ser o núcleo de um rótulo desde que seja inespecífico e requeira realização lexical em seu contexto imediato, veiculando conceitos mais específicos para definir termos relacionados a campos particulares de referência. Assim, o rótulo como um recurso de categorização e avaliação opera de forma cognitiva, revelando as emoções do falante. Tal pressuposição, portanto, se mostra adequada à teoria cognitiva que embasa a análise desse *corpus*, uma vez que toda atividade de designação por meio da língua – ou seja, de referenciação – se realiza mediante certa estabilidade referencial na proporção em que lançamos mão de bases ontológicas compartilhadas, a fim de que se possam produzir textos coesos e coerentes em relação aos referentes utilizados. A cadeia de referenciação, assim, permite descrever com mais clareza como cada entidade é cognitivamente processada, observando o estatuto dos valores semânticos e possibilitando a progressão referencial.

Desse modo, é possível perceber como ocorre essa progressão através dos encapsuladores, tendo em vista que a recorrência de vários referentes relacionados a um mesmo item no interior do texto revela como a referenciação se mantém e possibilita a progressão referencial. Essa se constrói através da *cadeia de referenciação*. Fica evidente, portanto, como as estruturas discursivas se organizam e se articulam por meio do encapsulamento anafórico nos textos. Além disso, é possível notar como esse encapsulamento contribui para a produção textual, garantindo a progressão referencial e manutenção das ideias por meio da coesão referencial.

Fica evidente, portanto, que o tipo de coesão discutido por estas informações levantadas é muito comum nos discursos de natureza argumentativa. Além disso, funciona como “gancho” responsável pelo encadeamento de ideias. Desta forma, pode-se compreender que este estudo é importante no mínimo porque, como foi possível notar nesta análise das redações, a rotulação é o meio de classificar a experiência cultural de modos estereotípicos, substituindo termos ou orações não apenas como um processo aleatório de nomeação, mas como uma codificação de percepções partilhadas. Por isso, é útil estudar todos os rótulos em seus contextos lexicais e sintáticos. Com isso, pode-se observar que o mesmo referente é transformado, conforme a intenção do autor. A repetição do nome núcleo mostra, semanticamente, que todo o texto tem argumentatividade – um processo discursivo de referenciação, que sai em busca do sentido permanente –, e dessa maneira o objeto vai sendo reconstruído por retomada e continuidade. O referente é reconstruído no texto e vai formando seu sentido, textualmente. Por esse motivo cabe observar que o semântico não está apenas nas palavras, mas nas redes de significação, nas redes estabelecidas do texto (unidade de significação), pois a língua é um instrumento para a realização do pensamento, quer dizer, a língua não pode ser decodificada – a palavra não codifica o pensamento, ela é um dos instrumentos para a exteriorização do pensamento.

Em suma, as palavras tomam formas na medida em que o efeito de sentido seleciona, no inventário da língua, a palavra para seu discurso – apropriação das palavras para dizer o que quer. Conforme Marcuschi (2007:63), a língua é constitutiva de nosso conhecimento, não pode ser definida nem compreendida à margem de tais atividades, pois muitos rótulos são construídos dentro de sintagmas fixos ou de “expressões idiomáticas”. Assim, o encapsulamento por meio do rótulo retrospectivo aparece no texto com nome núcleo e

modificador qualificativo, referindo e nomeando a extensão do discurso. Todavia, ele pode também resumir e encapsular o que veio antes, reintroduzindo-o, por meio de retomada temática com os demais tipos de menções, que apresentamos, nesta seção, já que servem para se referir e nomear uma extensão do discurso. Assim, ao longo deste trabalho, procuramos descrever a progressão referencial das redações de pré-vestibulandos por meio do encapsulamento anafórico, atentando para o trato dado às cadeias de referência. As redações analisadas foram produzidas por alunos de curso preparatório para o vestibular, cujas propostas temáticas solicitavam que os produtores dos textos expusessem seus pontos de vistas acerca dos temas, sustentando suas respectivas teses por meio de argumentos pertinentes aos assuntos propostos. Nosso objetivo foi observar de que modo os vários encapsuladores direcionavam a abordagem argumentativa na tecedura das redações. Uma vez que desejávamos observar os tipos de menções referenciais, que configuravam o encapsulamento, focamos nossa atenção nas cadeias referenciais no que tange à forma e à função desses encapsuladores.

Nesta perspectiva, destaca-se a proeminente necessidade de formação de indivíduos com competência textual para que, efetivamente, participem das diversas situações comunicativas da vida. De certo modo, se deve desenvolver nos alunos de Língua Portuguesa, nas escolas, condições de produção para a articulação das ideias. E, no momento da materialização do discurso, através da coesão textual, oferecer aos mesmos as ferramentas lingüísticas necessárias para que “fujam” da escrita voltada meramente para a classificação gramatical. Dessa forma, pode-se colocar em foco o ensino da coesão como um meio de produzir, junto ao aluno, um saber sobre a língua, a fim de que ele se torne capaz de lidar com as diferentes tarefas cognitivas. Assim, pudemos observar que a coesão referencial se fez apresentar como um recurso para manifestar sua capacidade textual, ainda que não sejam dominadas as regras esperadas pelas gramáticas. A competência torna o texto uma unidade semântica, mesmo que ocorram repetições de palavras, elipses ou pronominalizações ambíguas, pois há a preocupação de não deixar as ideias “soltas” no texto, tornando-as um contínuo comunicativo textual. Logo, esta consciência poderá gerar no aluno a noção do que realmente é um texto coeso, conforme foi analisado, e que deve ser levado em consideração pelos professores que lidam, diariamente, com a correção de redações.

Com essa visão, é possível suscitar nessa pesquisa uma nova reflexão sobre o uso dos rótulos, destacando como contribuem para os estudos da referência e de sua relação com gêneros e tipos textuais, ao descrever e analisar a constituição e o funcionamento dos rótulos nas redações argumentativas. Fica evidente, portanto, que essa reflexão proposta enfatiza a importância de trazer à consciência, como forma de conhecimento, os recursos coesivos já que são utilizados nas redações para tornar o texto articulado por diversas formas, conforme as quatro microcategorias apontadas, neste trabalho, para atingir um efeito coesivo. Por isso, fica como pretensão buscar chamar a atenção para essas formas a fim de esclarecer que a coesão é importante fator lingüístico que flutua entre o âmbito do discurso e da gramática.

O que fica transparente na seleção das redações e na análise dos dados é que a escola trabalha uma ‘técnica de redação’, o ensino da ‘forma’ dissertativa com introdução, desenvolvimento e conclusão, mas o conteúdo continua prejudicado com ideias soltas, fragmentos isolados, fuga ao tema e ausência de progressão. Possivelmente, estes produtores dominam a escrita do gênero redação, mas não o ato discursivo, isto é, eles podem até escrever vinte linhas, mas o que abordarão nessas linhas dependerá de suas habilidades comunicativas, do conhecimento de mundo e do conhecimento lingüístico, pois, se não houver esse desenvolvimento das competências textual e lingüística, a redação terá um discurso vazio como ocorreu nas redações descartadas.

Pode-se concluir que a análise do encapsulamento anafórico nessas redações possibilitou a abordagem do texto a partir de uma perspectiva dos processamentos cognitivos, revelando como os elementos vão sendo construídos nas redações através dos componentes culturais e conhecimentos diversos dos alunos. A análise proposta nesta pesquisa, portanto, permite-nos afirmar que a progressão referencial nas estruturas discursivas por meio dos encapsulamentos anafóricos evidencia que o texto possui uma estrutura referencial que vai sendo erigida, passo a passo, à medida que ele vai sendo processado, num constante fluxo de idas e vindas, no sentido de que os referentes são constantemente redimensionados.

O texto é uma estrutura dinâmica. O uso das cadeias referenciais permite ao produtor controlar o grau de informatividade de seu texto, antecipando referentes que serão retomados em momento oportuno. Além disso, possibilita, também, que o leitor recupere a informação relevante para a compreensão dos novos dados apontados no texto, a fim de construir significado para o que lê. Na análise, foi possível notar que as redações bem sucedidas trabalhavam com poucos referentes, aumentando as chances de se produzir uma redação com continuidade e progressão. Ao abordarem poucos referentes, essas redações puderam construir cadeias referenciais mais longas, explorando esses significados a partir de várias perspectivas, como vimos nos quadros apresentados na análise das redações. Dessa forma, pode-se entender que as redações exploraram com sucesso o encapsulamento anafórico. Esse recurso linguístico funcionou nos textos como pista de contextualização, construindo cadeias referenciais bem delimitadas e sinalizando a partir de que perspectiva epistêmica seus referentes deveriam ser percebidos.

Portanto, espera-se, de alguma forma, que este trabalho tenha contribuído para os estudos da referenciação e de sua relação com o gênero redação, ao descrever e a analisar a constituição e o funcionamento dos encapsulamentos anafóricos nas produções textuais de pré-vestibulandos. Além de propiciar um possível novo olhar para a correção de textos, não só nos cursos preparatórios, mas, sobretudo, nas aulas de língua portuguesa das escolas. Sabemos que as contribuições de um trabalho acadêmico, diante da complexidade dos aspectos envolvidos na vida em sociedade, são muito mais restritas do que seu realizador gostaria que fossem. Isso não nos impede, não obstante, de pleitear o desejo de ser útil, quer seja nas aulas de interpretação de textos, quer seja nas aulas de produção textual, pois já assim estaremos satisfeitos com o resultado. Uma vez que o que nos move é saber que o ensino ainda é o caminho certo para o aluno que quer melhorar suas condições de vida por meio da educação, como buscam os pré-vestibulandos do Sintuperj, produtores do *corpus* analisado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, A. Suárez. *Curso de Redação. "Articulação sintática do texto. Uso dos operadores argumentativos"*. 12ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.
- ANTUNES, Irlandé. *Lutar com palavras: coesão e coerência*. São Paulo: Parábola, 2005.
- APOTHÉLOZ, Denis. *Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual*. In: CAVALCANTE, M. M. et alii. (Orgs.) *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- CARNEIRO, Agostinho Dias. *Redação em construção: a escritura do texto*. SP: Moderna, 2001.
- CONTE, M. *Encapsulamento*. In: CAVALCANTE et alii. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- COSTA VAL, M. da Graça. *Redação e Textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e Coerência Textuais*. São Paulo: Ática. 2000.
- GARCIA, O. Moacyr. *Comunicação em prosa moderna*. 23ª. edição. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- KOCH. I.G.V., TRAVAGLIA, Luís Carlos. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto. 1990
- KOCK, Ingedore G. V. *A Coesão Textual*. São Paulo: Contexto. 1996.
- \_\_\_\_\_. *Processos de referenciação na produção discursiva*. SP: Contexto, 2009.
- PÉCORRA, Alcir. *Problemas de redação*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- TEDESCO ABREU, M. T. *O processo de referenciação e a construção do texto argumentativo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

## ANEXO – Redações Digitadas Citadas no trabalho

### ➤ Redação nº01

**Tema:** Células-Tronco embrionárias: princípio ou fim da vida?

#### Células-Tronco

Esse assunto trás discussão por onde passa, seja entre os cientistas ou entre os jovens e a sociedade. Nos tempos modernos de hoje, a ciência conseguiu com ajuda dos avanços tecnológicos encontrar cura para os enfermos mais graves através dessa célula.

A célula tronco é encontrada no nosso corpo, mais apenas possuímos uma. Na gravidez de uma mulher antes de se formar um feto, ele passa por um estágio onde somente existiu esses tipos de células.

Aqui está nossa discussão. Caro leitor, você é a favor ou não da cura de doenças através do tratamento com as células troncos, mesmo essa célula sendo um estágio da gravidez? Ainda há várias questões à serem resolvidas e ouvidas. Hoje, na época em que estamos podem haver contendas, mais e o amanhã, quem sabe!

### ➤ Redação nº03

**Tema:** Células-Tronco embrionárias: princípio ou fim da vida?

#### Cientistas apostam na capacidade das células-tronco embrionárias

A medicina vem se desenvolvendo dia após dia, fazendo descobertas inovadoras, dentre outras, embora o Brasil não dê o apoio merecido dos pesquisadores, que na maior parte das vezes têm vendido seus projetos por não verem a possibilidade de ir avante, com as condições oferecidas pelo governo.

Uma das maiores descobertas científicas nos últimos tempos foi a capacidade que as células-tronco embrionárias têm de se transformar em qualquer outro tipo de célula, embora, apresentem esta importante capacidade. As pesquisas com este tipo de célula encontra-se em fase de teste.

Especialistas acreditam que no futuro essas células possam ser usadas na cura de diversas doenças, em que só eram estacionadas com o tratamento, através da clonagem terapêutica, como: mal de alzheimer, mal de Parkinson e até mesmo diabetes, dentre outros tipos de doenças crônicas.

Com tantos benefícios que essa descoberta traz, é possível encontrar algum tipo de polêmica? Sim, é possível, para que centenas de pessoas venham ser curadas, uma vida tende a se sacrificar. É notório que as células-tronco embrionária. São células extraídas do ser humano em fase embrionária, nessa fase considera que já foi formado uma vida, eis a questão, até que ponto vale uma vida? Até que ponto vale curar centenas de vidas?

Fica evidente, portanto, que essa descoberta ao ser aplicada ira gerar muitos questionamentos aos que contra estão, mas trará uma nova vida aos doentes que serão curados.

### ➤ Redação nº06

**Tema:** De que maneira o Aquecimento Global é visto, atualmente?

É notório que, nos últimos anos, o mundo vem sentindo alterações climáticas, e estas são consequência de fenômeno chamado Aquecimento Global.

O fato é que este fenômeno não é natural e sim provocado pelo homem. Este, sabe as consequências, mas age como se não soubesse. A emissão dos gases poluentes, como o gás carbônico, ficam retidos na camada de Ozônio e acontece então o chamado Efeito Estufa. A terra, consequentemente fica mais quente e isso gera uma série de fatores muito graves.

Com a terra mais quente, as calotas polares acabam derretendo e isso aumenta o nível dos oceanos e ainda afeta os animais, como os ursos polares. Além disso, o aquecimento global causa catástrofes ambientais, como o terremoto no Haiti, fortes alterações climáticas, chuvas fortes contribui para a desertificação, para vulcões entre vários outros problemas ambientais.

Sendo assim, é nítido que se não houver a mudança de comportamento, essas consequências vão piorar e o mundo cada vez mais vai sentindo essas catástrofes. Até chegar um certo

momento em que não será mais possível controlar nem mudar esta situação. Por isso, se faz necessário que se tome medidas para que essa problemática deixe de ser mais uma vergonhosa mancha de sujeira.

### ➤ Redação nº11

**Tema:** O poder de transformação da leitura

#### A decadência da leitura

Percebe-se que atualmente os brasileiros vem apresentando um grande desinteresse pela leitura e isso os prejudicam em vários setores dos quais valem ressaltar a incompreensão dos textos, em geral, difículdade ao redigir redações, e a má comunicação.

Uma primeira observação pode ser feita no que se diz repetido ao pouco hábito de leitura que os brasileiros adquiriram ocasionando o impedimento de uma visão clara do texto lido por apresentar palavras onde o indivíduo não conhece o seu significado. Outro fator a analisar se leva em consideração a má construção de redações, onde o indivíduo usa palavras que desconhece o seu sinônimo para realçar sua redação, porém acabam por obter um texto sem conteúdo. Por último é conveniente comentar que com a falta do exercício de leitura, a fala, de uma maneira geral, se torne mais complicada tomando como exemplo, um indivíduo que tem uma boa média anual de livros lidos e outro que não lê, em que o primeiro apresenta um vocabulário mais extenso que o outro. É inegável, portanto, que o hábito de ler traz benefícios para qualquer pessoa, pois auxilia a uma linguagem mais culta de forma que se haja um bom entendimento tanto na fala quanto na escrita.

### ➤ Redação nº22

**Tema:** O aumento da violência urbana

#### A triste realidade dos brasileiros

A cada dia os índices apresentam o aumento da violência no Brasil. Se vê com mais frequência nos jornais, notícias de assaltos, homicídios, violência sexual contra mulheres e crianças e bandidos que saem impunes mesmo tendo cometido crimes graves como estes.

Os políticos que são eleitos para criar leis para proteger a sociedade, simplesmente não fazem nada, apenas roubam o dinheiro público, enquanto o povo sofre nas mãos de assassinos violentos, de milícias e políciais corruptos.

O Brasil precisa de leis mais severas para punir esses criminosos, que não são somente pobres, há também muitos ricos que cometem crimes. É necessário melhorar a educação no país, qualificar mais os estudantes, abrir mais oportunidades de emprego, para que muitos não recorram ao crime para ganhar dinheiro, porque é isso que muitos fazem, sem emprego buscam no tráfico, no roubo, o seu sustento.

Falta de leis severas, educação precária, policiais sem qualificação e políticos corruptos, enquanto isso existir no Brasil o sonho de segurança dos brasileiros está inútil.

### ➤ Redação nº24

**Tema:** O sistema de cotas nas universidades públicas

#### Sistema de cotas no ensino superior

Muito se discute acerca do no ensino superior do brasileiro que a princípio que tem que ser debatido se é bom e se é ruim para os universitários. Poucos são beneficiados por estas chamadas "cotas", que se beneficia mais não são as pessoas que necessitam e assim aquelas que nem precisa, mas sem nenhum esforço acabam sendo beneficiados.

Deveria lutar contra esse sistema que pouco nos beneficia. Entender fica muito difícil, não sabemos para que ir com esse assunto, terá que ser mais discutidos, algumas universidades que são poucos que apóiam que debatem sobre o assunto. O problema das cotas é ser favorável ou contra. Fica evidente que isso prejudica muitas pessoas que poderiam estar em uma universidade, são poucos os que terminam. Assim, a faculdade significa preconceito.

Cabe ressaltar, sou totalmente contra esse tema teria que ser mais discutidos mais comentado porque pouco se ouve falar, para alguns sim para outros é novidade. Porque nos precisamos aproveitar esta oportunidade.